

# O EROTISMO EM BILAC – AMOR, TENTAÇÃO E PECADO

*Linduarte Pereira Rodrigues<sup>1</sup>*

## 1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que Olavo Bilac valorizava a perfeição técnica, cujas manifestações se caracterizam por uma sintaxe conforme a gramática portuguesa, pela rima rica e pelas formas fixas escultóricas. Para este poeta, o tratamento com os versos deveria ser paciente, como o do ourives com a jóia na busca da perfeição formal.

Isso fez de Bilac o poeta mais popular do parnasianismo, mas também rendeu-lhe críticas severas, daqueles que acreditavam que ele “tinha a preocupação de escrever versos alexandrinos e concluir com chaves de ouro brilhantes, mesmo que para isso assumisse uma postura forçada”.

Assim sendo, a partir do exposto, o objetivo deste trabalho será o de buscar mostrar uma outra face do trabalho de Olavo Bilac, apresentando o resultado de um estudo realizado a partir de um *corpus* composto por um conjunto de versos associados à noção de tentação e de pecado, em um delirante erotismo poético, cantado sob o domínio do sentimentalismo e fugindo às características próprias de cada estilo.

Como diria Mário de Andrade, a escultura das palavras também tem suas belezas pelo próprio afastamento em que estão da verdadeira poesia, têm seu sabor especial – pecaminoso. E Bilac com a sensualidade à flor da pele se dava ao desacato do que era tido como bom senso, sendo seus versos agressivos, fortes, mais acima de tudo, prazerosos.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. OLAVO BILAC

Sempre haverá uma poesia popular sem arte, e poetas populares sem apuro gramatical e métrico, versejando com o falar da gente rústica. Acredito que é esta a verdadeira poesia, sentimento instintivo e pensamento espontâneo da terra e dos homens, nascendo do coração do povo, como o canto sai da garganta dos pássaros o aroma, da corola das flores. Esta será a legítima poesia, anônima e rude, e talvez seja esta a que mais dure. Mas ao lado desta Inspirando-se dela, e dela aproveitando a seiva e o encanto, uma outra sempre haverá, culta e difícil e sempre haverá, entre os bardos sem técnica, os artífices do estro literário (OLAVO BILAC, citado por Tufano, 1995, 198).

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro a 16 de dezembro de 1865. Segundo Nicola (1993), Olavo Bilac só conheceu o pai em 1870, aos cinco anos de idade, quando este voltava da Guerra do Paraguai; sua infância foi povoada de histórias e hinos militares.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.

Após abandonar os cursos de Medicina e Direito, lança, em 1888, o livro *Poesias*; dedica-se ao jornalismo e à literatura. Republicano e nacionalista, escreve, em 1889, a letra do "Hino à Bandeira"; mais tarde, por fazer oposição ao governo de Floriano, é exilado em Ouro Preto, Minas Gerais. Em 1907 é eleito o primeiro "Príncipe dos Poetas" em concurso promovido pela revista *Fon-Fon*. Em 1915 inicia suas campanhas cívicas: alfabetização e serviço militar obrigatório; no ano seguinte funda a Liga de Defesa Nacional. Morre a 18 de dezembro de 1918, no Rio de Janeiro.

Olavo Bilac é o poeta mais popular do Parnasianismo, destaca-se pelo devotamento ao culto da palavra e ao estudo da língua portuguesa. Os recursos estilísticos que mais emprega são: a repetição de palavras, o polissíndeto e o assíndeto (separados ou conjugados), suas metáforas e comparações são claras.

Um de seus temas preferidos é o amor, associado, geralmente, à noção de pecado, cantado sob o domínio do sentimentalismo, fugindo às características parnasianas, como se podem observar nos 35 sonetos de *Via Láctea*. As estrelas têm presença marcante em seus versos, ora aparecem como confidentes, ora como testemunhas ou conhecedoras do mistério da vida.

De acordo com Moisés (2002), graças aos aspectos polimórficos de sua poesia, Olavo Bilac encarnou brilhantemente o verso e o reverso de nosso Parnasianismo. Mais ainda: ao aderir à nova corrente poética, não só cuidou de materializá-la em suas composições, como também buscou traduzir-lhe e divulgar-lhe a doutrina de modo tão direto quanto possível.

O autor afirma ainda que esta segunda preocupação exprime-se concretamente em "Profissão de Fé", que abre a coletânea de suas *Poesias* e representa algo como uma plataforma da poesia parnasiana.

Assim sendo, a apologia da forma (com maiúscula no poema), do Belo, da Arte, do Estilo, - constitui o timbre dessa modalidade poética, em que se nota a retomada dos padrões de arte defendidos pelos clássicos, e a recusa dos que os Bárbaros pregavam, isto é, os valores românticos.

Tal concepção de poesia, com todo o seu projeto de universalidade e impassibilidade, e com toda a sua contradição interna, documenta-se nos sonetos. Estes percorrem duas fases, ou atestam duas configurações do ser poético de Bilac.

A criança, também, recebe atenção, dedica-lhe quadras infantis em que o mundo juvenil aparece idealizado, destituído de misérias, ressaltando o aspecto doméstico, patriótico e nobre. Por isso, acaba sendo aclamado "o poeta da criança".

Outros temas prediletos são a guerra e a pátria. O patriotismo é cantado ternamente, a ponto de assumir a forma de propaganda do progresso e bem estar nacional. A preocupação com temas nativistas se manifesta em *O Caçador de Esmeraldas* e é bem executada em *Tarde* (1919), notadamente, nos poemas *Pátria*, *Música Brasileira*, *Pesadelo* e *Iara*.

Para Abaurre (2000), Bilac é um poeta multifacetado que transita entre o parnasianismo mais ortodoxo e um romantismo erotizado.

Um outro grande número de críticos tendem a achar que seus versos contêm uma poesia pobre em imagens, mas que é rica em sentimento, voluptuosidade e morbidez, o que parece justificar sua fulgurante consagração. *Poesias* (2000), seu primeiro livro, publicado pela primeira vez em 1888, traz o poema *Profissão de Fé*. Esmero em metrificção, servindo de exemplo do verso parnasiano.

Segundo Nicola (1993), Olavo Bilac é o único dos grandes parnasianos que já se iniciou comungando com a estética do movimento: desde o princípio buscou a perfeição formal. O poeta tinha a preocupação de escrever versos alexandrinos e concluir com "chaves de ouro" brilhantes, mesmo que para isso assumisse uma postura forçada.

Segundo Bilac (2000), o poeta deve trabalhar pacientemente “como um beneditino” - a poesia, assim como um ourives trabalha uma jóia, buscando o relevo, a perfeição formal, servindo à Deusa Forma. Ao lado disso, vale-se de uma linguagem trabalhada com constantes inversões da estrutura gramatical, buscando um efeito melhor; o amor pela língua iria ser coroado com famoso soneto "Língua portuguesa":

– Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...–

Nicola (1993) ainda explica, que ideologicamente não se podem confundir as prisões políticas e o “exílio” em Minas Gerais com uma militância política. Bilac não foge à regra do Parnasianismo, colocando-se à margem dos grandes acontecimentos políticos e sociais de seu tempo. Assumiu apenas posições republicanas conservadoras e um nacionalismo cada vez mais exagerado à medida que os anos passavam. Ignorou a luta abolicionista, ignorou a luta republicana - foi republicano apenas após a Proclamação - e ignorou a Primeira Guerra. Seus temas podem ser assim divididos:

- É um poeta voltado para a Antiguidade Clássica, basicamente para Roma, em Panóplias. Pertencem a esta parte os sonetos "A sesta de Nero", "O incêndio de Roma" e "Lendo a Ilíada", entre outros;
- Temos 35 sonetos marcados por um forte lirismo em Via Láctea. São esses sonetos, graças ao lirismo e à temática, os responsáveis pela popularidade imediata alcançada pelo poeta. Dentre os 35 sonetos, merece destaque o soneto XIII: "Ora (dizeis) ouvir estrelas...";
- Em Sarças de fogo permanece o lirismo, agora marcado por sensualismo. É famoso o soneto “Nel mezzo del camin” com seus pleonasmos e inversões;
- Em Alma inquieta e viagens o poeta cai em temas de meditação, ditos filosóficos, tão ao gosto dos parnasianos;
- Em Viagens, encontramos o poema épico "O caçador de esmeraldas", que o próprio Bilac definiu como sendo "episódio da epopéia sertanista no século XVII", narração da chegada dos bandeirantes a terras mineiras, com os paulistas individualizados na figura de Fernão Dias Pais;
- Tarde mostra o poeta mais descritivo e profundamente nacionalista. É exemplo significativo do descritivismo do poeta o soneto "Crepúsculo na mata", e bem atestam a volta ao passado nacional os sonetos "Anchieta" e "Vila Rica". No entanto, o que mais chama a atenção do leitor em Tarde é a consciência do fim, a proximidade da morte: o crepúsculo do poeta.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

#### 3. 1. O EROTISMO EM OLAVO BILAC

A poesia sensual de Olavo Bilac derivava de Baudelaire e do realismo brasileiro. A expressão fácil era ao mesmo tempo elegante ("Cai o céu sobre mim em pirilampos..."). É, talvez, um dos poetas mais eróticos do Brasil, como demonstrou em **Satânia**, (curiosamente não rimado).

Neste poema a luz do meio-dia encontra-se simbolizada, ou seja, confunde-se com a figura de um homem, que entra no quarto da mulher e com ela consuma o ato sexual, alcançando um grande prazer.

### Satânia

Nua, de pé, solto o cabelo às costas,  
 Sorri. Na alcova perfumada e quente,  
 Pela janela, como um rio enorme  
 De áureas ondas tranqüilas e impalpáveis,  
 Profusamente a luz do meio-dia  
 Entra e se espalha palpitante e viva.  
 Entra, parte-se em feixes rutilantes,  
 Aviva as cores das tapeçarias,  
 Doura os espelhos e os cristais inflama.  
 Depois, tremendo, como a arfar, desliza  
 Pelo chão, desenrola-se e, mais leve,  
 Como uma vaga preciosa e lenta,  
 Vem lhe beijar a pequenina ponta  
 Do pequenino pé macio e branco.

**Sobe... cinge-lhe a perna longamente;  
 Sobe... e que volta sensual descreve  
 Para abranger todo o quadril! - prossegue,  
 Lambe-lhe o ventre, abraça-lhe a cintura,  
 Morde-lhe os bicos túmidos dos seios,  
 Corre-lhe a espádua, espia-lhe o recôncavo  
 Da axila, acende-lhe o coral da boca,  
 E antes de se ir perder na escura noite,  
 Na densa noite dos cabelos negros,  
 Para confusa, a palpitar, diante  
 Da luz mais bela dos seus grandes olhos.**

E aos mornos beijos, às carícias ternas,  
 Da luz, cerrando levemente os cílios,  
 Satânia os lábios úmidos encurva,  
 E da boca na púrpura sangrenta  
 Abre um curto sorriso de volúpia...

Em **Última página**, o eu lírico sempre esteve preocupado em consumir o desejo carnal, no qual as mulheres que passaram em sua vida nenhum valor tiveram. Na última estrofe é bastante enfatizado que a “carne” já deveria estar saciada, o que mais poderia querer depois de tanto prazer.

No entanto, as mulheres e os amores que trazem consigo são passageiros. O verdadeiro amor ainda é um desconhecido do poeta.

### Última página

Primavera. Um sorriso aberto em tudo. Os ramos  
 Numa palpitação de flores e de ninhos.

**Doirava o sol de outubro a areia dos caminhos  
 (Lembras-te, Rosa?) e ao sol de outubro nos amamos.  
 Verão. (Lembras-te Dulce?) À beira-mar, sozinhos,  
 Tentou-nos o pecado: olhaste-me... e pecamos;  
 E o outono desfolhava os roseirais vizinhos,  
 Ó Laura, a vez primeira em que nos abraçamos...  
 Veio o inverno. Porém, sentada em meus joelhos,  
 Nua, presos aos meus os teus lábios vermelhos,  
 (Lembras-te, Branca?) ardia a tua carne em flor...  
 Carne, que queres mais? Coração, que mais queres?  
 Passas as estações e passam as mulheres...  
 E eu tenho amado tanto! e não conheço o Amor!**

Em **Na Tebaida**, podemos perceber que nas duas primeiras estrofes a mulher é vista como tentação e pecado para o homem, que resiste de todas as formas tentando fugir daquela figura bela, sensual e articulosa.

Porém, não mais conseguindo esquivar, entrega-se aquele amor ardente. Esta entrega fica bastante visível nas últimas estrofes, nas quais o poeta pede que a mulher o beije, mesmo sabendo que apesar da fragilidade feminina a ela ficará preso.

#### **Na Tebaida**

**Chegas, com os olhos úmidos, tremente  
 A voz, os seios nus, como a rainha  
 Que ao ermo frio da Tebaida vinha  
 Trazer a tentação do amor ardente.**

**Luto: porém teu corpo se avizinha  
 Do meu, e o enlaça como uma serpente..  
 Fujo: porém a boca prendes, quente,  
 Cheia de beijos, palpitante, à minha...**

Beija mais, que o teu beijo me incendeia!  
 Aperta os braços mais! que eu tenha a morte,  
 Preso nos laços de prisão tão doce!

Aperta os braços mais, frágil cadeia  
 Que tanta força tem não sendo forte,  
 E prende mais que se de ferro fosse!

Já em **Criação**, um dos seus poemas mais conhecidos, ele faz uma leitura erótica do Gênesis, primeiro livro do velho testamento, onde a criação se dá como em um ato sexual, onde a natureza simboliza o corpo humano e, o infinito, aquilo que é próprio da alma – o amor e a tentação. E o que resulta do enlace entre o concreto e o abstrato, é o gozo promovido por esta “êxtase bendita”, que se estende “enchendo o espaço!”:

### Criação

Há no amor um momento de grandeza,  
 que é de inconsciência e de êxtase bendito:  
 os dois corpos são toda a Natureza,  
 as duas almas são todo o Infinito.  
 É um mistério de força e de surpresa!  
 Estala o coração da terra aflito;  
 rasga-se em luz fecunda a esfera acesa,  
 e de todos os astros rompe um grito.  
 Deus transmite o seu hálito aos amantes:  
 cada beijo é a sanção dos Sete Dias,  
 e a Gênese fulgura em cada abraço;  
 Porque, entre as duas bocas soluçantes,  
 rola todo o Universo, em harmonias  
 e em florificações, enchendo o espaço!

#### 4. CONCLUSÃO

Como percebido, o discurso que circula no meio literário tende para um posicionamento que mesmifica os fatos relacionados à obra de Olavo Bilac, representante de destaque do movimento literário de seu tempo – o parnasianismo.

Todavia, sabemos que a obra deste poeta não se resume apenas a esses meros relatos históricos e classificatórios, os quais se apresentam registrados nos compêndios literários da atualidade.

Creemos que muito do que foi produzido por este poeta justifica-se pelo fato dele possuir uma personalidade formada a partir de uma ideologia própria que lhe conduzia para uma fuga as tendências impostas pela classe social que revestia o comportamento dos indivíduos de sua época.

Dessa forma, acreditamos que o trabalho deste poeta não se resume apenas aos meros relatos históricos e classificatórios que se apresentam registrados nos compêndios literários que circulam em nossos dias, pois como foi o objetivo deste trabalho, mostramos uma outra face do trabalho de Olavo Bilac, esta, que nos fez reconhecer que o poeta em destaque possui um conjunto de obras que vai além dos dizeres daqueles que ditaram as normas para o estabelecimento dos estilos literários nacionais.

Como proposto, apresentamos um estudo realizado a partir dos versos deste grande nome da literatura nacional, associando-o à noção de tentação e pecado, num delirante erotismo poético, cantado sob o domínio do sentimentalismo e fugindo às características próprias de sua época.

#### REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza. **Português: língua e literatura**. São Paulo: Moderna, 2000.  
 BILAC, Olavo. *Poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2000.  
 MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.  
 NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. 8. ed. São Paulo: Scipione, 1993.  
 TUFANO, Douglas. **Estudos de língua e literatura**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1995.